

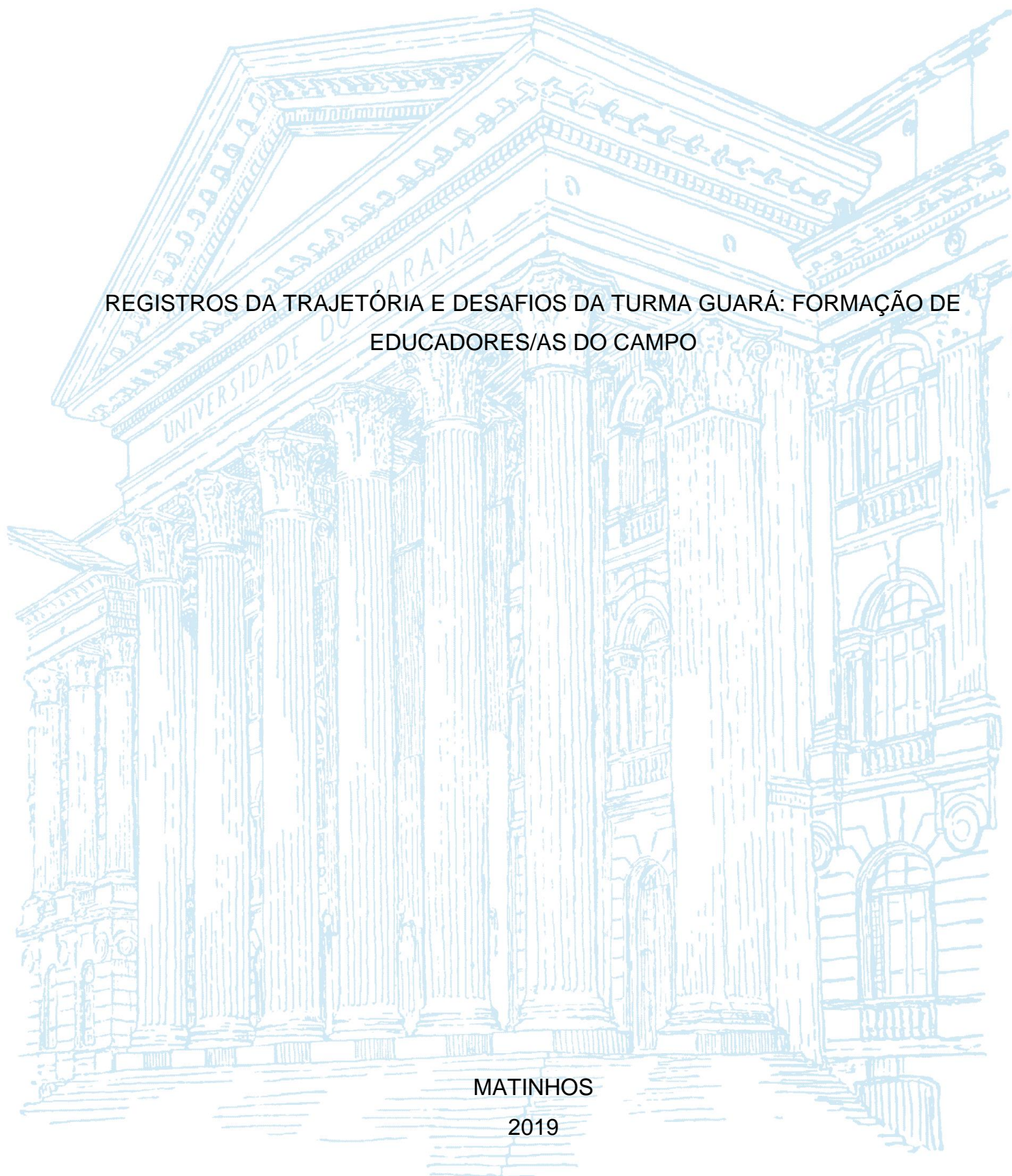
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VANESSA DA VEIGA

REGISTROS DA TRAJETÓRIA E DESAFIOS DA TURMA GUARÁ: FORMAÇÃO DE  
EDUCADORES/AS DO CAMPO

MATINHOS

2019



VANESSA DA VEIGA

REGISTROS DA TRAJETÓRIA E DESAFIOS DA TURMA GUARÁ: FORMAÇÃO DE  
EDUCADORES/AS DO CAMPO

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo Ciências da Natureza.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Maria Isabel Farias

MATINHOS

2019

## TERMO DE APROVAÇÃO

NOME DA ESTUDANTE: VANESSA DA VEIGA

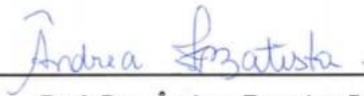
TITULO DO TRABALHO: REGISTROS DA TRAJETÓRIA E DOS DESAFIOS DA  
TURMA GUARÁ: FORMAÇÃO DE EDUCADORES/AS DO CAMPO

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo, Setor Litoral,  
Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciada (o) em Educação do Campo - Ciências da Natureza.



Prof(a) Maria Isabel Farias

Orientadora – Câmara de Educação do Campo, UFPR- Litoral



Prof. Dra. Ândrea Francine Batista

Câmara de Educação do Campo, UFPR- Litoral



Prof(a). Andressa K. Tavares

Câmara de Educação do Campo, UFPR- Litoral

Matinhos, 22 de Junho de 2019.

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, que me deu saúde e forças para superar todos os momentos difíceis a que eu me deparei ao longo da minha graduação, ao meu filho Vitor Alexandre da Veiga Lima por estar presente em todo momento difíceis que já passei sendo ele um alicerce em minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à toda minha família, amigos, professores e pessoas que ajudaram na realização desse trabalho. Sou imensamente grato pela paciência e incentivo. Meu muito obrigado (a), por torcerem e vibrarem com a minha conquista. Agradeço aos meus pais Maria das Graças dos Santos Cordeiro e Antônio da Veiga por me apoiarem nos estudos e realização deste sonho, aos meus professores da **LECAMPO** em Especial minha orientadora Maria Isabel Farias, por todo o ensinamento e comprometimento para com minha pessoa e a todos os meus amigos que me apoiaram nos momentos mais difíceis.

"Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhado, sem aprender a refazer, a retocar o sonho, por causa do qual a gente se põs a caminhar".

(FREIRE, 2002, p.15)

## RESUMO

O presente trabalho faz referência ao Registro da Trajetória formativa da Turma Guará no curso de Licenciatura em Educao do Campo - Ciências da Natureza, Setor Litoral-Universidade Federal do Paraná. Os Educandos/as são oriundos do campo, quilombo, ilhas e municípios do litoral do Paraná, que frequentaram as aulas na organizao pedagógica da Alternância e Itinerância, dentro desta organizao vivenciamos dois tempos: Universidade e o Tempo Comunidade o que propiciou para que a turma se mantivesse no curso, já que o mesmo ocorria nos finais de semana. Esse Trabalho registrou de forma parcial a caminhada do processo formativo da turma Guará do curso de Licenciatura em Educao do Campo, com a inteno de relevar a realidade dos acadêmicos/as assim como os desafios e dificuldades enfrentadas para concluir a formao dentre eles: reconhecimento de identidade, deslocamento e condioes precárias para buscar o conhecimento. Perpassando por uma breve História de luta por Educao do Campo no Paraná, assim como apresentamos a construo do curso de Licenciatura em Educao do Campo na UFPR. Neste trabalho também consta o relato/depoimento da educanda Vanessa da Veiga como registro das vivências e a luta pela permanncia na universidade antes e durante a formao.

**Palavra- Chave:** Educao do Campo, Alternncia e Itinerncia, Turma Guar, Relato de vida.

## RESUMEN

El presente trabajo hace referencia al Registro de la trayectoria formativa de Turma Guar en la Licenciatura en Educación Rural - Ciencias Naturales, Sector Costero-Universidad Federal de Paraná. Los Educandos / as provienen del campo, quilombo, islas y municipios de la costa de Paraná, quienes asistieron a las clases en la organización pedagógica de Alternncia e Itinerncia, dentro de esta organización vivimos dos momentos: la Universidad y el Tiempo Comunitario que brindó la clase para mantener el rumbo, ya que los fines de semana pasaba lo mismo. Este trabajo registró parcialmente el avance del proceso de formación de la clase Guará en el curso de Licenciatura em Educao do Campo, con la intención de revelar la realidad de los acadmicos, así como los desafíos y dificultades que enfrentan para completar la formación entre ellos: reconocimiento de identidad, desplazamiento y condiciones precarias para la búsqueda de conocimiento. Pasando por una breve historia de lucha por la Educación Rural en Paraná, así como presentamos la construn de la Licenciatura en Educación Rural en la UFPR. En este trabajo tambn está el informe / testimonio de la estudiante Vanessa da Veiga como un registro de experiencias y la lucha por permanecer en la universidad antes y durante la formación.

**Palabra clave:** Educación del campo, Alternancia e itinerancia, Turma Guará, Informe de vida.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – MUNICÍPIOS DE ORIGEM DOS ESTUDANTES DA TURMA GUARÁ NO LITORAL L DO PARANÁ .....	22
FIGURA 2 – ILHAS DE ORIGEM DOS ESTUDANTES DA TURMA GUARÁ NO LITORAL DO PARANÁ .....	25
FIGURA 3 - FOTOGRAFIA DO ENCERRAMENTO DO ENCONTRO DA TURMAS ORGANIZADO PELA TURMA GUARÁ.....	26

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - LOCAL DE CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO.....	31
GRÁFICO 2 - DIVULGAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	34
GRÁFICO 3 – EDUCADORES/AS PREPARADOS PARA ATUAR .....	37
GRÁFICO 4 - AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELA TURMA GUARÁ DURANTE O PROCESSO FORMATIVO.....	38

## LISTA DE QUADRO

QUADRO 1 – PONTOS POSITIVOS NEGATIVOS DO CURSO DURANTE O PROCESSO FORMATIVO .....	39
--	----

## LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

EdoC	Educação do/no Campo
CT	Coletivo de Trabalho
FETRAF	Federação dos Trabalhadores na Agricultura familiar do Paraná
LECMAPO	Licenciatura em Educação do Campo
MOPEAR	Movimento dos Pescadores Artesanais do Litoral do Paraná
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
NRE	Núcleo Regional de Educação
PRONERA	Programa Nacional de Educação e Reforma Agrária
PSS	Processo Seletivo Simplificado
SEED	Secretaria da Educação do Paraná
TC	Tempo Comunidade
TU	Tempo Universidade
UFPR	Universidade Federal do Paraná

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
2 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO PARANÁ.....	188
2.1 CONSTRUÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA TURMA GUARÁ.....	19
2.1.1 RELATO DE VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA DA EDUCADORA VANESSA .....	266
3 REGISTRO DA TRAJETÓRIA DA TURMA GUARÁ: A TRAJETÓRIA FORMATIVA SEUS LIMITES E CONTRADIÇÕES .....	300
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	422
<b>5 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>444</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O tema desse trabalho “Registro da trajetória e desafios da Turma Guará: formação de educadores/as do campo” busca refletir sobre o processo formativo que buscou mostrar a realidade dos estudantes que compõe a turma nas seguintes dimensões: deslocamento, formação, identidade e a realidade do fechamento de escolas do campo.

Nesse trabalho apresentamos uma breve História da Educação no Campo (EdoC), no Paraná, suas lutas e resistências, e a histórica de negação de acesso e permanência na educação. Sua origem vem através de articulações dos movimentos populares do (MST) Movimento Sem Terra, dos camponeses/as trabalhadores/as do campo que lutam pela terra e pela educação já há quase trinta anos.

Também mostra a construção do curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza na Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, onde são realizados vestibulares desde 2014, e até o momento (2019) já entraram sete turmas. Duas turmas já se formaram são elas: Albert Einstein; Flor do Vale; as turmas Paulo Freire e Guará finalizam o curso no primeiro semestre de 2019; as turmas Sementes Nativas; Sepé Tiaraju e a turma 2019 seguem em formação.

Esse trabalho trata em específico da trajetória da Turma Guará o qual fala desde o espaço da Universidade, organização da turma, alternância e itinerância, Tempo Universidade (TU), Tempo Comunidade (TC) e as contradições da Turma Guará que foram observados durante o curso e dentro dele, um relato de vida da autora no qual optamos por usar o verbo na primeira pessoa.

No decorrer do trabalho mostraremos a composição da Turma Guará, dentre eles, povos vindos de culturas caiçaras, indígenas, e quilombolas trabalhadores/as pescadores/as artesanais do campo e ilhas do Paraná. Parte dos educandos/as vem do município de Guaraqueçaba: Ilha Rasa, Ilha do Superagui, Batuva, Serra Negra, Tagaçaba de Baixo, Tagaçaba de Cima, Ilha do Tibicanga, também de Paranaguá, Morretes, Antonina, Guaratuba, Lapa e Curitiba.

Para a realização deste trabalho organizamos um questionário com 21 perguntas, com intuito de registrar antes e durante a caminhada dos educandos/as da formação do curso. As perguntas foram referentes ao processo formativo da turma Guará, em relação as dificuldades de acesso/deslocamento e condições dos educandos/as e educadores/as buscar o conhecimento, as contradições e críticas

durante a trajetória da Turma Guará que foram construtivas para a formação de identidade da Turma Guará do curso Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza.

Esse trabalho mostra os desafios dos Educandos/as do campo da turma Guará ao acesso na formação de professores/as do e no campo, com a possibilidade de alternativas para futuros educadores/as que pretendem ser professores/as nas escolas do campo, águas e florestas com formação por área do conhecimento.

A organização do curso permitiu que trabalhadores/as sem deixar de suas comunidades e compor a luta pelas escolas do campo, valorizando saberes, cultura local, e o reconhecimento da realidade que foi essencial para a formação da identidade da turma.

## 2 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO PARANÁ

A luta por Educação do Campo nasce com os movimentos Sociais Populares na década de 1990, historicamente o campo foi considerado um lugar do atraso, essa ideia foi construída associando o campo ao que era atrasado e a cidade ao novo e moderno.

O nascimento da Educação do Campo, se materializa por meio dos movimentos sociais, principalmente pelo MST, frente ao fechamento de escolas do campo no Brasil, aliado à luta pela terra e a negação do direito a educação é que a construção foi ganhando força.

[...] pode –se afirmar a Edoc “Educação do Campo” como ferramenta de luta, no contexto da luta de classes em diversos âmbitos, seja da discussão referente à garantia de direitos; do debate relacionado às perspectivas postas para a educação; do papel da escolarização no fortalecimento da identidade dos povos do campo; da capacidade mobilizadora e articuladora entre os povos do campo; da articulação com outro segmento da classe trabalhadora; da tensão exercida sobre o Estado burguês; da ampliação do acesso à cultura aos povos do Campo; da ampliação do acesso à cultura aos povos do campo; ampliação do acesso ao conhecimento ao conhecimento científico ou da discussão em torno da categoria trabalho. Identificando-o e tencionando-o a assumir sua capacidade humanizadora; assumindo como fundamento a possibilidade de afirmar o desenvolvimento em outras bases, tendo a emancipação humana plena como perspectiva e incidindo de maneira concreta na materialidade da vida dos sujeitos do campo. (VERDÉRIO, 2001, p.105).

A Educação do Campo desde 1998 vem se consolidando no Paraná através das escolas do campo, das formações, na criação de cursos, dentre eles as licenciaturas em Educação do Campo, diversos cursos pelo Programa Nacional de Educação e Reforma Agrária - PRONERA criado em 1998, na produção de materiais, nas articulações e fóruns, nas coordenações criadas nas instancias institucionais.

O Paraná nas décadas de 1980, 1990 e 2000 fechou milhares de escolas do campo, por outro lado tem uma atuação bem marcada frente a luta pela Educação do Campo e não se distancia da construção histórica nacional. Registramos também que o fechamento de escolas não cessou, o que demonstra que é preciso compreender mais a importância da escola no campo.

## 2.1 CONSTRUÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA TURMA GUARÁ

O curso de Licenciatura em Educação do Campo (LECAMPO) implementado em 2014 no Setor Litoral, passa a integrar a lista dos cursos de graduação da UFPR. Os primeiros vestibulares selecionaram as turmas Albert Einstein composta por Movimentos sociais da Via Campesina, as aulas aconteciam na Escola Latina Americano de Agroecologia – Lapa PR e era realizado no Setor Litoral, a segunda turma denominada Flor do Vale, composta por trabalhadores da Educação e agricultura familiar com aulas no município de Cerro Azul, ambas as turmas se deslocavam até o Setor Litoral para aulas no laboratório, Semanas Acadêmicas e Encontros das Turmas.

Em 2015 no segundo vestibular da Lecampo ingressaram duas turmas concomitantes, uma no Quilombo João Surá que recebeu o nome de Paulo Freire, composta por estudantes quilombolas e trabalhadores da educação e saúde, e a quarta turma no litoral denominada Guará, composta por quilombolas, pescadores/as, agricultura familiar e agroecológica e trabalhadores da educação.

Em 2016 ingressou a quinta turma que inicia as aulas 2017, esta turma recebeu o nome de Sementes Nativas e nela pescadores, moradores das ilhas, quilombolas, comunidades agroecológicas do Vale do Ribeira Paulista e em 2018 a turma Sepé Tiaraju com estudantes indígenas, quilombolas, pescadores e Movimento Social, a turma de 2019 é a sétima turma do curso e compõem o grupo de estudantes, quilombolas, movimentos sociais, trabalhadores do turismo comunitário, associação agroecológica, é uma turma onde a grande maioria dos estudantes são do Vale do Ribeira Paulista.

Visto de forma breve a composição da Lecampo, queremos nos deter na turma Guará que é onde nossa pesquisa foi desenvolvida. As inscrições da primeira turma que frequentou o setor litoral de Matinhos UFPR- Universidade Federal do Paraná para as aulas foi em 2015, onde são inscritos povos caiçaras, indígenas, quilombolas, formação de educadores/as por Área do Conhecimento em Ciências da Natureza. Uma formação de professores/as valorizando diversas culturas e etnias, de forma itinerante tempo universidade e tempo comunidade para que os acadêmicos possam buscar o conhecimento e trabalhar sem ter que deixar sua comunidade. Segundo o (Dicionário de Educação do Campo):

[...] A organização curricular desta graduação prevê etapas presenciais (equivalentes a semestres de cursos regulares) ofertados em regime de alternância entre tempo e escola em tempo comunidade, tendo em vista a articulação intrínseca entre educação e realidade específica das populações do campo. Esta metodologia de oferta intenciona também evitar que o ingresso de jovens e adultos na educação superior reforce a alternativa de deixar de viver no campo, bem como objetiva facilitar o acesso e a permanência no curso dos professores em exercícios p. 468.

O curso da Lecampo abriu edital entre 2014/2015 com 130 vagas sendo 50 vagas para Adrianópolis/Paraná e 80 vagas para o Litoral /Paraná. A Turma Guará realizou o vestibular nos dias 04/05 de maio de 2015 no centro de Morretes Praça Rocha Pombo.

Os critérios para se inscrever e concorrer a vaga do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza foram os que se enquadravam nas seguintes categorias: a) 1ª categoria: educadores/as em atividade que não possuía graduação mas que estavam em atividade na instituição escolar municipal e estadual do campo; b) 2ª categoria: Professore/as que possuíam graduação mas não na formação por área do conhecimento que atuasse na área das Ciências da Natureza nas escolas do campo; c) 3ª categoria: educandos/as que desenvolviam ou atuavam em processos formativos e espaços educativos não formais como sindicatos, cooperativas, movimentos sociais, e outras atividades vinculadas a questão agrária e camponesa; d) 4ª categoria: educandos/as que desenvolviam suas atividades na área urbana dos municípios; g) 5ª categoria: pessoas que trabalhavam na agricultura familiar, assentamentos, acampamentos, pecadores/as, arrendatário/a, boia-fria, meeiro/a, quilombolas, extrativistas ou indígenas; h) 6ª categoria: pessoas dos movimentos sociais ligado ao campo como associação de agricultores/as familiares ou pescadores/as; i) 7ª categoria: filhos/as de agricultores familiares, assentados/as, acampados/as, pescadores/as, arrendatários/as meeiros/as, boias-frias, quilombolas e extrativista ou indígenas.<sup>1</sup>

Houve uma grande procura pelo vestibular, pois acreditamos que a alternância foi um elemento importante, pois, muitas pessoas que não teriam condições de frequentar um curso, tendo que se deslocar diariamente para a UFPR.

Dos sete municípios do Litoral, a Turma Guará teve estudantes de cinco deles, os municípios que não tem representação são: Pontal do Paraná e Matinhos.

---

<sup>1</sup> Texto retirado do Edital N°32/2015-NC.

A figura que segue mostra a localização dos sete municípios do Litoral Paranaense.

Figura 1 - Municípios de origem dos estudantes da Turma Guará no Litoral I do Paraná



Fonte: Google Earth, org. pela autora.

Logo que a turma chega à Universidade inicia-se a construção da Alternância e Itinerância que envolvia lugar da hospedagem, alimentação e auto-organização e estudo para dar conta do intenso processo que se iniciava.

Logo nas primeiras aulas começa a construção da identidade da turma, quem são? De onde vem? O que os trouxe? Qual o pertencimento? O que queremos com essa formação? Isso tudo envolveu a escolha de um nome para a turma, essa é uma prática da Educação do Campo. Os nomes<sup>2</sup> levantados Pela Turma foram: Serra do Mar, Turma Terra e Mar, e Turma Guará, mas foi o nome Guará o escolhido, pelo fato de representar o pássaro vermelho existente no litoral conhecido pelo nome de guará que vem do significado do nome Guaraqueçaba e que havia sumido do litoral paranaense, mas que nos últimos anos ele retornou.

Outra questão importante pela qual passamos foi a organização dos coletivos para que o Tempo Comunidade tivesse êxito e também pensando na auto-organização. Desta forma, a turma Guará foi dividida em grupos considerando as comunidades, a proximidade e a identidade para trabalhar em Coletivo de trabalho

<sup>2</sup> Os nomes atribuídos as turmas tem como intuito de mostrar a realidade onde os educandos estão inseridos.

(CT), inicialmente foram seis CT, dentre eles: CT Pé no Chão, CT camponês, CT Agro florestar, CT Fênix, CT Batuverde e CT Antonina. Foi bastante trabalhoso, pois ninguém da turma havia passado por cursos com essas características e isso implicava pensar para além do individual.

Parte dos integrantes da turma Guará reside na cidade, mas a maioria nas comunidades e ilhas de Guaraqueçaba, as comunidades são Ilha Rasa, Ilha do Superagui, Batuva, Serra Negra, Tagaçaba de Baixo, Tagaçaba de Cima e na própria Cidade de Guaraqueçaba. Há também acadêmicos moradores dos municípios de Antonina, Morretes e comunidades, Lapa<sup>3</sup>, Curitiba<sup>4</sup>, Guaratuba, e Paranaguá onde, entre eles são pequenos agricultores/as, quilombolas, pescadores/as artesanais e professores/as que representam a classe trabalhadora do campo.

O curso inicia com 100% matriculados, mas no decorrer permanecem 60% dos estudantes no curso. As desistências tiveram motivos variados, dentre eles: deslocamento, problemas de saúde, questão financeira, alguns não se identificavam com o curso, entre outros problemas pessoais.

A maioria dos estudantes da turma desconheciam a origem da Educação do campo e tampouco sabiam dos Movimentos Sociais, apenas a visão construída pela mídia, que na maioria das vezes criminaliza. E foi com esta percepção que a turma chega, mas aos poucos os educandos/as que não se identificavam com o curso começam a entender o papel dos movimentos do campo, especialmente o movimentos Sem-Terra na luta pela educação e pela terra, temas que são parte da Questões Agrária no Brasil, passa a ter um amadurecimento com avanço de conhecimento de sua própria realidade, ao buscar a realidade local de algumas comunidades, há relatos de moradores antigos que as terras foram sendo ocupadas e no decorrer dos anos foram sendo legalizadas no litoral. Percebemos que os moradores “nativos”<sup>5</sup> como assim se denominam são oriundos desse processo.

Atualmente no litoral tem um movimento organizado que é o Movimento dos Pescadores Artesanais do Litoral do Paraná - MOPEAR, assim com o MST em

---

<sup>3</sup> Acadêmica da Turma da Lapa que inseriu na Turma Guará, para dar continuidade no curso de Licenciatura em Educação do Campo-Ciências da Natureza formandos 2018.

<sup>4</sup> Acadêmico da Turma da Lapa que inseriu na Turma Guará, para dar continuidade no curso de Licenciatura em Educação do Campo-Ciências da Natureza formandos 2018.

<sup>5</sup> Os moradores que nasceram e pertencem às ilhas.

Antonina, também é forte a organização agroecológica, inclusive na UFPR tem um curso tecnólogo em Agroecologia.

[...] quando discutimos a educação do campo estamos tratando da educação que se volta ao conjunto dos trabalhadores do campo, sejam os camponeses, incluindo os quilombolas, sejam as nações indígenas, sejam os diversos tipos de assalariados vinculado á vida e ao trabalho no meio rural. Embora com esta preocupação mais ampla temos uma preocupação especial com resgate do conceito de camponês, conceito histórico e político. Seu significado é extraordinário genérico e representa uma diversidade de sujeitos(...) [São] antes de mais nada, o homem e a mulher, família, que trabalha na Terra. São trabalhadores. Seus significados são jamais confundidos com outros personagens do campo; fazendeiros, latifundiários, seringalistas, senhores de engenhos, coronéis, estancieiros... As palavras exprimem as diferentes classes sociais. Possuem significado histórico e político que perpassam as principais lutas de resistências camponesa do Brasil, como Canudos, Contestados, Porecatu, Trombas e Formoso, Ligas Camponeses e MST..." (APUD ARROYO, CALDART, MOLINA (orgs),2011, p. 25-26).

A turma Guará é composta por sujeitos da classe trabalhadora, como os: quilombolas, pescadores artesanais, pequenos agricultores, e educadores/as do campo que resistem a negação da educação, e o fechamento de escolas.

Para buscar o conhecimento muitos deixam suas comunidades, tanto os estudantes em busca de estudo e emprego, com isso cada vez mais vem ocorrendo esvaziamento das comunidades e escolas do campo. Na impossibilidade de cursar presencialmente, a opção que sobra são cursos oferecidos a distância.

A legislação ambiental que atua no litoral Paranaense vem pressionando cada vez mais os pescadores do campo como a busca e a apreensão dos materiais de pesca, os pequenos agricultores não podendo assim também fazer corte de árvores para roça tradicional e construir suas casas, cada vez mais a expulsão dos povos do campo, impactando no modo de vida de séculos das comunidades.

As dificuldades dos educadores/as do campo e ilhas é sair de suas localidades para estudos e aprimoramentos, do seu espaço de território. Os professores/as optam por cursos a distância pela praticidade, considerando a dificuldade de deslocamento e financeiro, mesmo os cursos ou faculdades sendo de boa qualidade não tem comparação um curso presencial, que é o caso da Licenciatura em Educação do Campo da UFPR. Muitos estudantes da turma são moradores das Ilhas Paranaenses, sendo elas: Ilha Rasa, Superagui e Peças, esse fato trouxe uma riqueza para a turma, porque foi justamente essa diversidade que acrescentou muito na formação, pois muitos, apesar de morarem no litoral não conheciam a realidade das ilhas. Na figura que segue mostraremos a localização das ilhas citadas.

Figura 2 - Ilhas de origem dos estudantes da Turma Guará no Litoral do Paraná



Fonte: Google Earth, org. Autora.

Para os moradores das ilhas, o deslocamento é somente de barco, no trajeto os acadêmicos enfrentam condies climáticas adversas, como tempestades, já ficaram à deriva, forma impedidos de sair da ilha por condies desfavoráveis do mar, já os que moram no continente enfrentam estradas sem manutenção esburacadas, enchentes, e árvores no meio da estrada devido a temporais, principalmente na PR-405 situada no município de Guaraqueçaba na qual vários acadêmicos/as da Lecampo das comunidades de: Ilha Rasa, Tibicanga, Superagui, e comunidade de Batuva, Serra Negra Tagaçaba de Baixo Porto da Linha, e Tagaçaba de Cima frequentam para deslocar até a Universidade.

No município de Guaraqueçaba atualmente tem três linhas de ônibus por semana dificultando ainda mais o deslocamento da população e dos acadêmicos da LECAMPO, uma cidade e comunidades que vem cada vez mais sendo esquecida isolando moradores.

A renda familiar  baixa somente para manter a família. Não são todos/as que têm condies de cursar uma faculdade particular, sendo essa, como já observamos em muitos casos a única opção, mesmo o curso de Licenciatura em Educação do Campo sendo público há gastos, houveram várias desistências por esse

motivo, muitos não possuíam bolsa no início do curso ou emprego para custear os gastos com os transportes e alimentação e isso acabou impactando no processo.

Conforme a turma Guará foi traçando sua história fomos percebendo um grande avanço. Foram conquistando os espaços da estrutura da Universidade em laboratório de informática, sala para alojamento, sala própria para didáticas, bolsa permanência e bolsa alimentação, foi com luta e resistência que se construiu primeira turma da Educação do Campo com alternância a frequentar as dependências da UFPR, já que as outras citadas aconteceram e acontecem nos territórios.

Durante a trajetória do curso foram realizados encontros itinerantes, para conhecer a realidade da turma, pois só teríamos como saber se vivenciássemos. Foi uma experiência muito importante. A turma teve aula em Morretes, Guaraqueçaba, Superagui, Tagaçaba, Guaratuba e Ilha Rasa, onde fizemos o reconhecimento da realidade e trajeto que os acadêmicos faziam para se deslocar de suas comunidades até a Universidade.

Como as turmas acontecem cada um nos seus territórios, o curso criou uma forma de reunir todos/as os/as estudantes, entendendo que é necessário esse momento, pois além de se encontrarem, também é construção de identidade, auto-organização e unidade. Nos encontros das turmas foram estabelecidos processos de construção que pedagogicamente respeitava a caminhada de cada turma, envolvendo palestras, seminários, oficinas, partilha dos alimentos com à junção de todas as turmas de Licenciatura em Educação do Campo turma Flor do Vale, Sementes Nativas, Turma Sepé, Paulo Freire, Serra Azul, Albert Einstein. Também com o intuito de fazer as turmas se conhecerem, considerando a cultura, comida típica do local de cada comunidade, os quilombos, destacamos o fandango no litoral do Paraná, uma dança típica caiçara que faz parte da realidade de alguns estudantes que compõe inclusive grupos tradicionais de fandango e principalmente para nos conhecermos, esses encontros acontecem desde 2015 e foi uma forma que o curso encontrou de reunir os estudantes, professores e comunidade, sendo este, sempre organizado por uma turma que coloca em prática a auto-organização. Foi uma experiência muito importante porque conhecemos a cultura local de cada comunidade, suas origens, sua cultura e história das comunidades e isso marcou positivamente a turma. Queremos relatar um pouco do encontro que a turma Guará organizou: entre os encontros das turmas o mais esperado pela turma Guará foi a comemoração dos “20 anos da Educação do Campo” de 2018 a turma Guará ficou responsável para

organizar o Encontro na UFPR na realização de mística, noite cultural, ciranda, oficinas e lembrancinhas para todas as turmas. Com apresentação do grupo de Fandanguará de Guaraqueçaba. Foi importante porque a Educação do Campo estava completando 20 anos de história, desses a Lecampo desde 2014.

Figura 3 - Fotografia do encerramento do Encontro da Turmas organizado pela Turma Guará.



Fonte: arquivo do curso.

A organização pedagógica da turma Guará seguiu a estrutura comum dos dois temas principais: Tempo Universidade (TU) e Tempo Comunidade (TC), os TUs foram realizados contando com a disponibilidade e organização dos educandos em etapas de quinze em quinze dias, com três dias seguidos nos fins de semanas, alguns encontros foram realizados durante a semana conforme a demanda do curso.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo foi de suma importância para os estudantes que integraram a turma, pois permitiu a oportunidade de acessar um curso superior. Conforme o Decreto nº7.352. de 4 de novembro de 2010:

[...] IV- acesso à educação superior, com prioridade para a formação de professores do campo, V-construção, reforma, adequação e ampliação de escolas do campo, de acordo critérios de sustentabilidade e acessibilidade, respeitando as diversidades de funcionamento da escola do campo; (PARANÁ. 2010, p.01).

Desta forma a construção da Educação do Campo permitiu fazer um curso onde considera-se as especificidades das turmas, o trabalho com a realidade camponesa, com Educadores/as preparados, colocando o campo no seu devido lugar que é produção do conhecimento, de cultura e com gente.

### 2.1.1 RELATO DE VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA DA EDUCADORA VANESSA

O relato de experiência<sup>6</sup> é baseado na vivência que tive nesse processo formativo que foi a Licenciatura em Educação do Campo na UFPR- Litoral. Tenho 28 anos nasci em 1990, naturalidade município de Morretes. Moradora desde meus cinco anos na comunidade Tagaçaba município de Guaraqueçaba, PR 407 km 36.

Aos cinco anos meus pais se separaram e passei a morar juntamente com minha irmã em Tagaçaba com meus avós. Meus avós eram humildes, trabalhavam na roça para um fazendeiro cuidando de animais e a lavoura da fazenda para o sustento da família. Passamos uma infância na roça juntamente com as avós aprendendo a cultura, as comidas típicas da roça passada dos pais para os filhos/as.

Uns dos maiores motivos de minha mãe se mudar para Tagaçaba foi por que não havia escola pública na comunidade de Cupiuvinha, uma comunidade de poucos habitantes, onde os alunos se deslocavam de ônibus escolar para estudar na escola mais conhecida como escola Iram Rolim Lhamas no município de Antonina. Como Tagaçaba ofertava estudos sem precisar se deslocar de ônibus, a opção foi a mudança para Tagaçaba por trazer segurança, já que não precisaríamos mais nos deslocar de ônibus para estudar. Os anos iniciais ocorreram na Escola municipal Salim do Carmo, e anos finais Escola Estadual Tagaçaba Porto da Linha, uma escola do campo.

Quando completei 09 anos passei a morar com minha mãe, na casa onde morava eram em sete pessoas, isso se tornou mais difícil mesmo com minha mãe e padrasto trabalhando, eram em muitos para se sustentar, minha mãe não tinha condições financeira para dar de vestir e manter tantas pessoas. Com isso passei a ter responsabilidade cedo e aos 12 anos comecei a trabalhar em casa de família, para contribuir na renda familiar.

Apesar de tantas dificuldades financeiras tinha o sonho de fazer uma graduação, brincava de ser professora na adolescência. Aos 14 anos entrei para o Ensino Médio, mas desisti no primeiro ano. O motivo foi porque as aulas eram a noite e não havia iluminação pública nas ruas da comunidade de Tagaçaba. A distância também dificultava mais ainda. No ano seguinte continuei a estudar. No último ano do Ensino Médio passei a trabalhar na casa de uma professora do primário, essa mesma professora da comunidade de Tagaçaba me convidou para um evento que estava

---

<sup>6</sup> Usarei o verbo na primeira pessoa por se tratar do meu relato de vida, isso está descrito na metodologia.

tendo na Universidade Federal do Paraná em Matinhos, um grupo de fandangueiros de Guaraqueçaba iria se apresentar lá, foi quando então passei a conhecer pela primeira vez a Universidade.

No final do ano finalizei o Ensino Médio e passei a morar com a avó novamente, mas como não tinha emprego e conseqüentemente sem ter condições de pagar um curso a distância, cheguei a pensar que cursar uma graduação não passava de um sonho. Aos 17 anos casei com um filho de pescador e tive meu filho. Como a vida financeira no campo é mais difícil, tentava de tudo um pouco para ajudar na renda da casa: vendia roupas, roupas de cama mesa e banho; fazia unha; vendia assados e trabalhava como diarista. Com isso conseguimos construir a primeira casa. O tempo foi passando até que em 2015 abre edital do curso em Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza, divulgado pela diretora da Escola Estadual. Me inscrevo e convido duas colegas para se inscreverem também e todas passamos no vestibular.

Em 2015 com 25 anos realizo o sonho de criança e passei a cursar uma graduação de Licenciatura em Educação do Campo (Lecampo) junto a turma Guará. Logo depois, passei a trabalhar na prefeitura e pela primeira vez com carteira assinada desenvolvendo a tarefa de auxiliar de serviço gerais.

Depois de um ano de curso tentei a seleção para a bolsa estudantil e consegui o auxílio permanência, isso facilitou minha permanência. Conforme fui cursando tentei novamente e consegui mais uma bolsa auxílio e refeição, dessa forma, conseguindo me deslocar da minha comunidade de origem até a universidade Federal do Paraná-Setor Litoral, que de início encontrava muita dificuldade em permanecer na mesma por conta da situação financeira precária e com essa ajuda consegui permanecer na faculdade até o último semestre de 2019.

No percorrer do curso sofri bastante, pois a vida no campo é mais difícil. Vinda de uma realidade de uma educação precária, tinha pouco conhecimento de informática básica não havia internet também na comunidade de Tagaçaba. Com o passar do tempo com dois anos de formação na Lecampo passei a ter internet, com isso melhorou a comunicação e o estudo. Minha timidez também trouxe dificuldades, pois, quando tinha dúvidas não perguntava, isso me acompanha desde criança, na adolescência e na fase adulta, isso ocasiona alguma dificuldade no aprendizado em algumas disciplinas como de matemática, química e física desde os anos iniciais.

Na trajetória do curso, percebi que não estava sozinha quanto as dificuldades, mas a turma as também tinha, incluindo o acesso à internet, dificultando os trabalhos a serem realizados em tempos exatos, deslocamento dos professores/as para buscar o conhecimento e até mesmo financeiro. Passei a perceber também que a as escolas do campo se tornam cada vez mais precárias, inclusive como o fechamento de escolas sem consentimentos dos moradores, falta de interesse do poder público.

Na atualidade foram reabertas algumas escolas municipais próximas da comunidade de Tagaçaba onde surge esperança de um recomeço. No artigo 26º da Declaração Universal dos Direitos Humanos reafirma que toda a pessoa tem direito a educação. A educação deve ser gratuita pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar básico é um direito a partir da constituição de 1988 obrigatório.

Já com o curso em andamento e cumprindo parte da carga horária que permite a inscrição no Processo Seletivo Simplificado - PSS para professora na Secretaria do Estado da Educação - SEED estabelecido todos os anos pelo Núcleo Regional de Educação - NRE de Paranaguá, mas sem sucesso. Minha classificação não permitiu ficar nas vagas disponíveis. No geral há muita disputa para vaga, professores/as disputam vagas de todas as localidades até mesmo cidades próximas, e os que estão cursando ou estão a pouco com a formação tem menos chances de conseguir uma vaga pela baixa pontuação. Existem casos de professores/as que vem das cidades e muitos não se estabelecem nas comunidades ou acabam desmerecendo a cultura local do campo. Nesse sentido com o conhecimento local das comunidades é necessário pensar em manter e estabelecer o educador/a do e no campo.

Conforme o curso vai andando passei a compreender a importância de estudar mais, e como esse aprendizado percebi o valor da permanência dos povos caiçaras, indígenas, quilombolas, pequenos agricultores, e pescadores nessas comunidades, valorizando suas culturas que muitos negam, sua existência de ser caiçara quilombola e resgatar a cultura local que aos poucos foi se perdendo.

Com todos os conhecimentos adquiridos no Curso em Educação do Campo, pretendo levar para minha comunidade uma educação que valoriza o conhecimento sem desmerecer os saberes da comunidade. Na sequência apresentarei os aspectos levantados na pesquisa.

### **3 REGISTRO DA TRAJETÓRIA DA TURMA GUARÁ: A TRAJETÓRIA FORMATIVA, SEUS LIMITES E CONTRADIÇÕES**

Queremos apresentar alguns aspectos importantes da Turma Guará, assim como deixar o registro dessa caminhada que durante quatro anos os estudantes vivenciaram. Para isso entrevistamos dezessete estudantes de diferentes comunidades/municípios dos 43 que estão concluídos o curso com intuito de mostrar atual realidade dos educadores/as e educandos/as do campo.

As questões foram elaboradas para evidenciar a realidade vivida pelos estudantes e também para saber qual a compreensão que os mesmos têm do curso, lembrando, como já afirmamos no início, esta turma desconhecia a Educação do Campo e o trabalho dos Movimentos Sociais. As respostas foram sistematizadas e serão apresentadas e problematizadas daqui pra frente para mostrar os desafios que os acadêmicos da Turma Guará enfrentam diariamente, além de ser um registro de lutas, contradições, resistência e permanência na atualidade dos educadores/as do campo.

Para melhor compreensão da realidade da turma, foi estabelecido questionário com vinte e uma (21) perguntas relacionado com as dificuldades e contradições da turma Guará, entregue no dia dez (10) de maio de 2019 e recolhido dia onze (11) do mesmo para 27 acadêmicos, dos vinte e sete (27) questionários entregue, dezessete (17) pessoas devolveram as questões respondidas, dentre eles: oito (8) mulheres e (9) homens.

Dos vinte e sete (27) questionários entregues, um dos entrevistados não quis participar da pesquisa pelo fato de achar algumas perguntas pertinentes, pois como optamos pela amostragem, selecionamos grupos de estudantes por municípios, dez (10) não entregaram o questionário, entre os que entregaram o questionário ficaram algumas questões sem responder uns por não compreender a pergunta, e outros por não querer se expor<sup>7</sup>, e também pelo fato de não ter o tempo necessário que eles gostariam de entregar, entre outros motivos pessoais.

As idades dos que responderam variam de vinte e um (21) a sessenta e seis (66) anos, moradores de várias comunidades entre eles um morador da Ilha de

---

<sup>7</sup> Este foi o argumento apresentado.

Tibicanga; um morador da Ilha Rasa; duas moradoras e um morador da comunidade de Tagaçaba de Baixo; um morador e duas moradoras da comunidade de Batuva que fazem parte do município de Guaraqueçaba; da cidade de Guaraqueçaba foram entrevistados uma moradora e dois moradores; e uma moradora da Cidade de Antonina.

Do município de Morretes (campo e cidade) participaram três homens e uma mulher, um morador da comunidade Rio Sagrado, um morador da comunidade Passa Sete, um morador do Sambaqui, e uma moradora da cidade de Morretes. Da cidade da Lapa apenas uma respondeu o questionário.

Perguntamos para os dezessete entrevistados onde terminaram o Ensino Médio, se foi na própria comunidade ou tiveram que se deslocar. Temos o seguinte resultado.

Gráfico 1 Local de conclusão do Ensino Médio



Fonte: Dados da Turma 2019. Org. Autora.

Constatamos que 53% dos entrevistados tiveram que sair da comunidade para concluir o Ensino Médio e 47% finalizaram na própria comunidade. Uma pesquisa realizada em 2017<sup>8</sup> para a construção do Inventário da realidade construído no

<sup>8</sup> Inventário da Realidade construído pelo coletivo de estudantes da comunidade de Tagaçaba como requisito de aprovação do Módulo de Estágio supervisionado I com o objetivo de conhecer o entorno da escola.

Estágio supervisionado, foi constatado que oito escolas foram fechadas, nas comunidades próximas da Escola Municipal Salim do Carmo Colégio Do Campo do município de Guaraqueçaba. Estes dados já fazem parte da realidade do fechamento de escolas do campo nas últimas décadas. Se olharmos para os dados nacionais percebemos que de 2002 até 2017, dados do último censo escolar 52.174(Censo Escolar Inep/ MEC, 2002, 2010,2017) escolas foram fechadas no Brasil inteiro, todas localizadas no Campo. No litoral do Paraná muitas escolas foram fechadas neste mesmo período algumas nas comunidades onde residem os estudantes da Licenciatura em Educação do Campo.

Perguntamos também qual a idade de conclusão do Ensino Médio, se sabe que no campo alguns deixam de estudar antes de concluir de forma ininterrupta, pois em parte significativa das famílias, os filhos precisam ajudar na renda familiar, e alguns casam cedo tornando-se pais muito jovens, com isso o estudo fica para segundo plano, e o sustento familiar passa a ser mais importante.

Percebemos que as comunidades mais afastadas como Ilha Rasa e comunidade do Batuva a média de idade de conclusão do Ensino Médio varia entre vinte e cinco (25) a trinta e cinco (35) anos ou mais. Dos entrevistados, 26% responderam que concluíram o Ensino Médio entre vinte e cinco (25) a trinta e cinco (35) anos e somente um respondeu que concluiu mais de trinta e cinco anos, atribuem essa condição ao fato de não ter oferta do Ensino Médio nas comunidades no período em que estavam na idade regulamentada e assim que a oferta aconteceu na comunidade concluíram.

Muitos que não conseguem terminar o Ensino Médio ainda jovens, optam em terminar na EJA Educação de Jovens e Adultos, como foi caso dos 15% dos entrevistados. Dos entrevistados, todos responderam que estudaram em escolas públicas, na atualidade são poucos os que tem a oportunidade de estudar na comunidade ou próxima dela, pois não são todas as comunidades com escola.

No campo são poucos que possuem graduação e pós-graduação, muitos optam em graduar a distância, a praticidade de estudar a distância com pouco custo faz com que muitos educadores/as do campo utilizem dessa prática, considerando todas dificuldades já apresentadas aqui. Acreditamos que um curso presencial é melhor, pois permite estudar nos laboratórios, há socialização na construção do conhecimento, além de conseguir sanar as dúvidas que surge nos estudantes que é também o reconhecimento da importância da educação pública e de qualidade.

A EdoC em sua origem acredita que não podemos ter como única opção para o campo o ensino a distância e aligeirado como constatamos, mas deve ter o direito de acessar um curso público, por esse motivo a Política Pública de formação de professores tornou-se uma conquista, no litoral paranaense com a abertura do curso de Licenciatura em Educação do Campo no Litoral em etapas quinzenais de forma presencial, trouxe oportunidades que antes parecia ser algo muito distante, como percebemos no relato da autora. Oportunizar que educadores/as do campo, camponeses, caiçaras, quilombolas, indígenas e ribeirinhos de comunidades que são afastadas da Universidade tenham a possibilidade de adentrar e permanecer na universidade é por si só um fato importante, assim como, formar professores/as para as comunidades nesse cenário tornou-se fundamental para o fortalecimento da EdoC.

Sobre as finanças dos estudantes, muitos afirmaram que não tem o orçamento necessário para cursar e para se deslocar até Universidade, os gastos são equivalentes como se fosse pagar uma faculdade particular. Mas a graduação na Licenciatura em Educação no Campo foi para muitos uma oportunidade única, além de trabalhar com a realidade do campo também propiciou a oportunidade de graduar e trabalhar, pois a organização pedagógica do curso em Alternância e Itinerância possibilitaram cursar Tempo Universidade e Tempo Comunidade que permitiu que a população camponesa localizada distante e na maioria das vezes de difícil acesso pudessem se organizar para cursar.

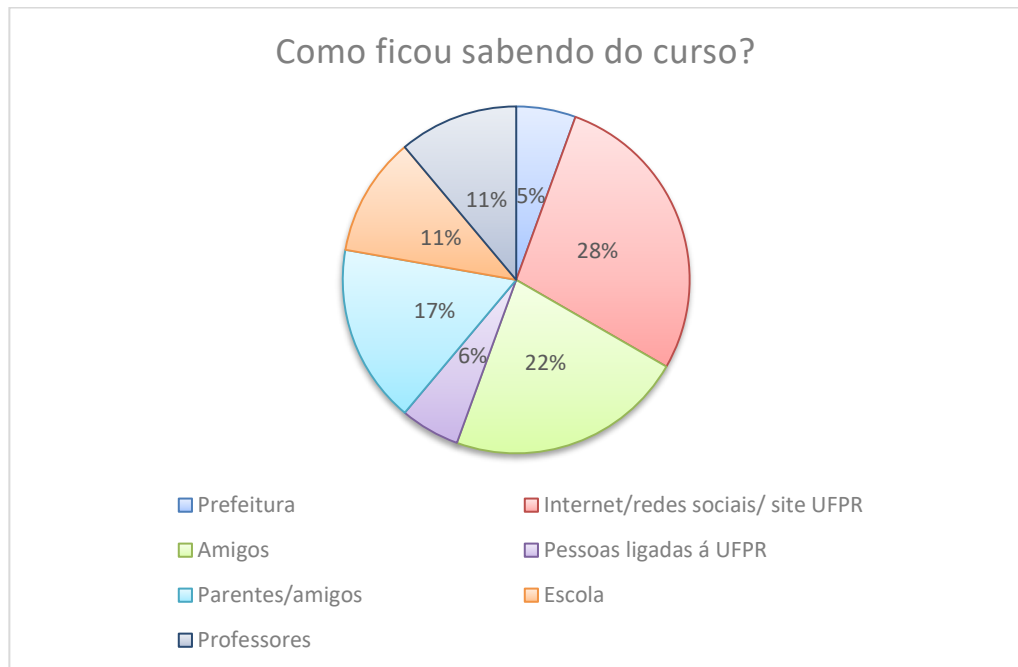
Queríamos saber se os entrevistados possuíam algum tipo de graduação, o resultado foi que doze deles confirmaram não possuir nenhuma uma graduação, sendo a LECAMPO a primeira graduação presencial e pública. Dentre os entrevistados que estão concluindo o curso somente quatro possuem graduação: a) é formado em Licenciatura em Geografia, b) em Pedagogia, c) Magistério Superior, somente d) é formado em várias áreas Licenciatura em Letras, Licenciatura em História, Licenciatura em Filosofia e Licenciatura em Pedagogia.

Isso é bastante comum entre os professores que atuam nas escolas, terem mais graduações e especializações, primeiro porque pontua na classificação para assumir aula na rede estadual, segundo porque os cursos a distância acabam facilitando essa realidade, e terceiro na falta de condições de cursar presencialmente e com a facilidade que muitas universidades oferecem isso torna – se muitas vezes a única possibilidade de formação. Como veremos na sequência.

Para complementar a pergunta anterior queríamos saber se havia estudante com especialização, seis responderam que sim, o que nos chamou a atenção é que dos seis, todos têm mais que uma especialização. Três deles possuem uma, e três deles já finalizaram a segunda, esta realidade se deve ao fato de que alguns são professores da rede estadual de ensino e neste caso, cada especialização pontua e reflete na classificação para escolha de aula.

No início do curso eram poucos dos acadêmicos que tinha acesso à internet, queríamos saber como ficaram sabendo do vestibular, considerando o acesso a internet. Dos estudantes entrevistados temos o seguinte resultado.

Gráfico 2: Divulgação do curso de Licenciatura em Educação do Campo.



Fonte: Pesquisa de campo Turma Guará. **Org.** Autora.

Queremos registrar uma observação que confirma os relatos da dificuldade de acesso à internet, porque dos que responderam apenas 23% ficaram sabendo do curso através das redes e sites, o que mostra que o acesso à internet até então não era uma realidade comum, isso foi mudando no decorrer do curso.

Foram oitenta (80) que ingressaram no primeiro momento, muitos se identificaram com o curso outros não e esse formam desistindo no caminho, permanecendo 53 acadêmicos. Os motivos apontados pelos entrevistados sobre o que acreditam serem os motivos das desistências foram: dificuldade no deslocamento, distância, doença e também por não se identificar com o curso.

Entre os entrevistados três responderam que não se identificava com o curso no início, as justificativas foram por ser um curso novo alguns acadêmicos demoraram a entender a metodologia do curso com a proposta diferenciada. O que chamou a atenção foi que treze citam que “por ser Licenciatura em Educação no Campo me fez pensar que era mexer com a terra”, mas que no decorrer dos semestres passaram a entender a proposta do curso que é formação de professores por área do conhecimento.

A maioria que responderam se identificar desde o início com o curso argumentaram de diferentes formas com contexto parecidos, as justificativas de 81% dos acadêmicos/as foram que: se identificavam com o curso desde o início pois estudou, reside e trabalha no meio escolar no campo complementando com a formação; também abrange conhecimento teóricos e práticos com conteúdo da realidade do campo e ilhas: com excelente proposta de inclusão de filhos, netos de pequenos agricultores que são camponeses que vive da subsistência da agricultura familiar, e pescadores artesanais; busca a realidade local do resgate cultural, lutas pelos movimentos e reconhecimento da identidade do indivíduo. Entre os entrevistados uma resposta foi: “entender o curso, pois já havia feito um curso do modo alternância”.

Percebemos nas respostas que agora ao término do curso houve um amadurecimento de conhecimento dos educandos, todos passam a compreender a proposta do curso na itinerância e alternância, a busca do conhecimento, a valorização dos camponeses da terra, águas e florestas, resgatando a cultura local e o reconhecimento da realidade.

A décima terceira pergunta que foi sobre a identificação com o curso, nos mostra esse amadurecimento, pois 100% responderam que se identificam com o curso atualmente, e que a LECAMPO propicia a oportunidade de debater as atividades desenvolvidas no campo, com as sistematizações dos futuros educadores/as que moram no campo, onde podem repassar esse conhecimento nas comunidades dos seus direitos e deveres no campo, nas escolas, nos movimentos sociais, reconhecimento da identidade como sujeitos do campo, e valorização de cada cultura.

O curso da Lecampo tem esse olhar mais amplo da realidade dos povos do campo, águas e florestas, costumes tradições, crenças, resgate cultural e viver de forma sustentável, respeitando o modo como cada um vive.

Para muitos acadêmicos, isso trouxe aprendizado por viver do e no campo, trabalhar e rever suas vivências no curso buscar o ensino da realidade dentro de um processo inclusivo, também trouxe perspectiva de conhecimento científico do campo no Brasil, um novo olhar para os conceitos pessoais que cada um tinha, como umas das entrevistadas fala que se identificou com o curso, ao ressaltar que “passei a ver que faço parte do meio do estudo que é aplicado, vivo em uma escola a céu aberto, onde o conteúdo para estudar está ao nosso lado de todas as formas”. Outro entrevistado ressaltou que “me fez reconhecer minha identidade, pois nasci no meio rural, cresci vendo meus avós trabalhando no campo, onde esse olhar do curso conforme a realidade e reconhecimento dos sujeitos do campo me fascina”.

Outra questão importante para conseguirmos entender a abrangência do curso, foi perguntar se o curso de Licenciatura em Educação do Campo atende as expectativas da Educação do Campo, por ser um curso novo no Litoral do Paraná, segundo a opinião de todos os entrevistados, o curso atende as expectativas, as explicações foram que, tendo em vista o desenvolvimento e valorização do campo dentro da metodologia de trabalho que aborda vários temas do cotidiano dos povos do campo com embasamento teórico, e o grande desafio é buscar o trabalho de forma interdisciplinar, ele propicia análise crítica, interage com a realidade de cada um, além de compreender e atuar como docente na escola e também nas comunidades.

Na visão de outra entrevistada “a Educação do Campo trabalha cada ser com suas especificidades e não a todos como o ensino tradicional”. Outro afirmou que o curso atende as expectativas do campo “porque podemos vivenciar nossos costumes, tradições valorizando o camponês, por exemplo, o resgate da culinária dos antepassados que aos poucos foi se perdendo”. Um entrevistado fala que “a UFPR visa preparar bons professores para trabalhar nas Escolas do Campo com conhecimentos em química, física, Biologia e Ciências”.

Porém, para alguns o curso está em processo de construção, criando materiais didáticos para melhor compreensão e ser inserindo nas comunidades camponesas, mas ainda precisamos avançar no que tange as comunidades que trabalham com a pesca, por exemplo, que é uma realidade do litoral do Paraná. Somente uma entrevistada respondeu que a Lecampo não atende todas as expectativas da Educação do Campo, mas que está caminho criando materiais.

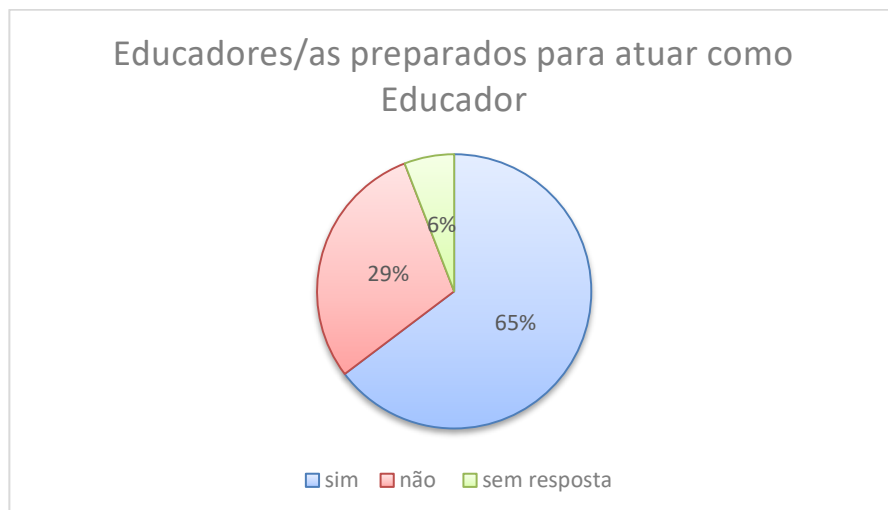
Por ser um curso novo por Área do Conhecimento surge a pergunta: Esta proposta abre possibilidades para trabalhar nas escolas do campo? 94% dos

estudantes responderam que sim, as justificativas foram que a imersão do ensino por área do conhecimento é necessário, esse trabalho transcende as escolas, saindo da forma tradicional e muitas escolas já estão repensando suas práticas pedagógicas contemplando a realidade dos sujeitos que atende, esta é uma maneira de trabalhar com os conhecimentos historicamente produzidos fazendo as conexões com a realidade. Apenas 6% dos entrevistados responderam estar indecisos, faltam argumentos, que nem todas as escolas estão trabalhando de acordo, mesmo no caso das ilhas que possuem uma Proposta Curricular por Área do Conhecimento tem dificuldades, pois a distribuição das aulas continua sendo de forma disciplinar e que não tem uma formação para esse trabalho interdisciplinar.

Perguntamos também sobre o formato pedagógico do curso e 94% dos entrevistados relataram que as aulas por alternância e nos finais de semana foi um facilitador, se não fosse assim, a grande maioria da turma não teria condições de cursar. Dessa forma ficou entendido que os educando/as podem conciliar com o trabalho e estudos, realizando as atividades na organização do Tempo Comunidades.

Outra questão realizada e fundamental para compreender se o curso está conseguindo preparar os acadêmicos/as é se eles se sentem preparados para atuar por área do conhecimento, as respostas foram sistematizadas no gráfico que segue.

Gráfico 3: Educadores/as preparados para atuar em sala de aula.



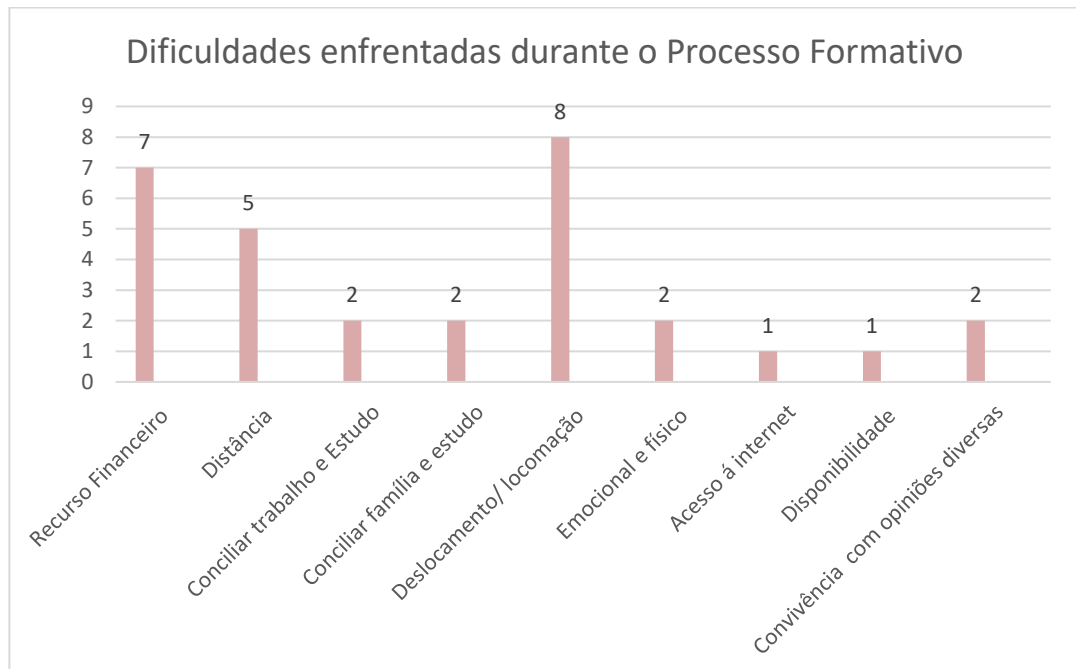
Fonte: dados da pesquisa realizado com a turma Guará 2019. Org.: autora.

Os 29% que responderam não estar preparados para atuar como educador nas escolas obtivemos as seguintes respostas, não se identificam como educador/a ou

não pretende atuar, também teve consciência de que seu aprendizado dos conteúdos não foi pleno/a. No geral, 65% se sentem preparados para atuar pois, alguns já trabalham ou trabalharam por área em escolas da região, mas ainda a preferência é atuar por disciplina. Nos chamou a atenção uma resposta: “não pretendo atuar na disciplina de física ainda me assusta,” isso é reflexo de como a disciplina de física é vista na formação fundamental.

As principais dificuldades enfrentadas pelos educadores/as na busca do conhecimento, são explicitados na tabela abaixo mostra quais as dificuldades enfrentadas pela turma durante o curso Lecampo.

Gráfico 4: As dificuldades enfrentadas pela Turma Guará durante o processo formativo.



Fonte: Dados da Pesquisa realizada com a Turma Guará do curso Lecampo. Org. autora.

Os dados acima mostram diversas dificuldades de o Educador/a buscar o conhecimento entre eles o que mais chama atenção  a concentração nas dificuldades financeiras, distância e deslocamento/locomoção. Alguns entrevistados responderam que por estar muito tempo fora de sala de aula desde o Ensino Médio até a graduação trouxe dificuldades no aprendizado, o cansaço físico mental e emocional e muitos gastos, muitos não tinham bolsa no início do curso, mesmo com a bolsa<sup>9</sup> a para alguns não eram suficientes, pois os gastos são muitos para chegar até a universidade. Para

<sup>9</sup> Uma bolsa tem o valor de R\$ 400,00.

os moradores das ilhas e do campo a locomoção é bastante complexa, que só quem conhece a realidade entende o que falamos, por exemplo, tiveram situações em que um grupo de estudantes pegaram um tempestade no mar, as vezes o mar estava tão revolto que não conseguiam sair da ilha, ou aqueles que vem das comunidades quilombolas que faziam uma viagem de até 07h para chegar na Universidade.

Um dos entrevistados falou um pouco suas dificuldades “me desloco em vários transportes bateira/barco ou voadeira, lancha linha e ônibus que torna a viagem bem cansativa até a chegada na Universidade, também as dificuldades financeiras tendo que muitas vezes emprestar dinheiros dos familiares e o acesso à internet”. Até aqui avaliamos que os estudantes da LECAMPO passaram por vários desafios e superação para se manterem no curso, para muitos foi um ato de resistência, diante disso, achamos fundamental saber sobre os pontos positivos e negativos do curso na perspectiva deles, até porque a Licenciatura é um curso que faz parte da grade regular da UFPR que foi curso foi institucionalizado em 2016 e esse tipo de pesquisa é fundamental para avaliar o processo formativo, dando possibilidades de repensar algumas coisas.

A questão era simples, somente descrever o que na sua compreensão era positivo e o que era negativo.

Quadro 1: Pontos positivos e negativos do Curso durante o processo formativo.

Pontos positivos	Pontos negativos
<ul style="list-style-type: none"> <li>*Autonomia aos educandos/as;</li> <li>* Reconhecimento/compreensão;</li> <li>*Acolhimento de diversas realidades;</li> <li>* Experiências;</li> <li>* Diversidade de culturas e etnia;</li> <li>*Conhecimento dos direitos e deveres dos sujeitos do campo;</li> <li>* Formação voltada para o campo;</li> <li>*Aula nos finais de semana;</li> <li>*Aulas teóricas e práticas;</li> <li>*Inclusão;</li> <li>*Conhecimento;</li> <li>*Professores/as preparados;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>*Aulas com períodos longos/muito tempo em sala;</li> <li>* Tempo Universidade;</li> <li>seguido/calendário;</li> <li>* Falta de rigorosidade no ensino aprendizagem por parte dos educadores/as;</li> <li>* Falta de mecanismo para acompanhar efetivamente os tempos comunidades;</li> <li>*Falta de compromisso de alguns educandos/as e educadores/as com a</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>* Coletividade;</li> <li>* Situação respeito por parte dos educadores/as;</li> <li>*Respeito e Troca de experiências por partes dos educandos/as;</li> <li>*Perspectivas distintas para a Educação do Campo;</li> <li>*Abordagem alternativa para os conhecimentos científicos;</li> <li>*Alternância e itinerância;</li> <li>* Práxis;</li> <li>* Rodas de diálogos e saberes;</li> <li>*Reconhecimento de sua identidade;</li> <li>*Resgate cultural;</li> <li>*Acesso de qualidade aos conhecimentos científicos com variáveis métodos;</li> <li>*Compressão das dificuldades de cada indivíduo;</li> <li>*Apresentação de conhecimentos integrados, não fragmentados;</li> <li>*Transformadora;</li> <li>* Boa estrutura;</li> <li>* Formação por área do conhecimento;</li> <li>* Trabalha por conceito;</li> </ul>	<p>Educação do Campo obs.: não em geral;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Falta de verba/estrutura e manutenção planejamento para carga horária nas comunidades;</li> <li>* Falta de coletividade e entrosamento com diversidade de opiniões por parte de alguns dos educandos/as;</li> <li>* No início muito relato de vida;</li> <li>* Poucas matérias relacionados a pesca artesanal;</li> <li>*Pouca objetividade;</li> <li>*Possibilidades de maior conhecimento em saídas de campo;</li> <li>* O curso fez pouco contato com movimentos sociais e incorporou muito pouco a turma nas lutas dos movimentos;</li> <li>* Por partes dos acadêmicos infelizmente muitos não compreenderam como deve ser a posição social definir ideias coerentes com a luta camponesa;</li> <li>*Pela realidade camponesa todos deveriam receber bolsa;</li> <li>* Alguns Sujeitos que não se enquadram como educadores do campo, não se identificam como camponês obs. Sem a entrevista do candidato que foi adotado no vestibular posteriormente isso teria evitado;</li> </ul>
---	--

As respostas nos mostram que há contradições, limites, ousadia, conhecimento, responsabilidade social e pedagógica. Revelam uma capacidade de análise e compreensão do que foram os pontos fortes e os frágeis. É fundamental para avançarmos na construção qualitativa da LECAMPO acessar essas análises críticas que os estudantes apresentam. Os pontos positivos nos mostraram que o curso conseguiu manter alguns vínculos de origem da EdoC, como o conhecimento da realidade, a construção do conhecimento, o olhar para os povos do campo, das águas e florestas, assim como a valorização dos conhecimentos tradicionais, entre outros.

Já os pontos negativos, podemos também dizer que podem ser indicativos para avançar na construção do curso, nos revelam questões estruturais e de posicionamento frente ao processo formativo, a falta de posição mediante as condições precárias que a turma teve durante a formação, que muitas vezes educandos/as faltou se posicionar nas reuniões de câmara no setor da UFPR, poucos se posicionaram na questão da estrutura e nos movimentos, para Miguel G. Arroyo na política afirmativa de formação:

A estratégia dos movimentos sociais do campo avança defendendo esses cursos como política afirmativa. Na " Proposta do plano Nacional de Formação de profissionais da Educação do Campo" (grupo permanente de trabalho de Educação do Campo, 2005), o plano é justificado como ação afirmativa para correção da história de desigualdade sofrida pelas populações do campo em relação ao seu acesso à educação básica e à situação das escolas do campo e de seus profissionais. (MIGUEL G. ARROYO, 2005, p.364)

A falta de acesso à internet prejudicou de certa forma também tantos educandos/as e educadores/as os educadores do curso não conseguiram ter um controle exato de trabalhos realizados.

A falta de verba para o bolsista do curso Lecampo fez com os educandos ficassem em sala da Universidade para se alojar ao invés de alojamento, e muitas das vezes sem sala para didática nas sextas-feiras, as saídas de campo foram limitadas.

A turma é composta por muitos educandos/as com pensamentos diversos, vindos de várias culturas, com isso a turma se torna crítica. Evidenciar os pensamentos diversos e as contradições e realidades diferentes não é ruim, pelo contrário a categoria de análise "contradição" é fundamental para fazer uma análise da própria realidade e tentar superar.

Para finalizar a pesquisa gostaríamos de saber quais as expectativas dos educandos/as ao finalizar o curso, com a pesquisa realizada obtemos as seguintes resultados dos estudantes: segundo eles, pretende continuar com estudos para aperfeiçoar o conhecimento e aprofundar nos saberes da Educação do Campo com mais comprometimento como dever cumprido pois alguns já atuam na área de educador/a e pretende continuar em sala de aula. Aqueles que não atuam também pretendem atuar e repassar esse conhecimento futuramente, mesmo sem expectativas. Dentre elas destacamos: “continuar na área de educação, podendo contribuir com a minha comunidade com projetos de intervenção” também, “terminar com boa bagagem para repassar aos alunos sanando as dificuldades de cada um e mostrar a eles que sou capaz por que muitos tentaram barrar nossa caminhada de educador”.

A pretensão de alguns é divulgar o curso e repassar o aprendizado obtido, mas alguns não se veem em sala de aula, e outros porque já estão trabalhando em outra área na instituição escolar, mas afirmam que todo conhecimento é válido. Aqueles que possuem ou estão cursando outra graduação dizem também não pretender atuar por área do conhecimento só se necessário.

Os dados levantados até aqui nos trazem as expressões da Turma Guará, acesso a Universidade, contradições, formação de identidade, apontamentos críticos que foram relevantes para a construção do curso de Lecampo.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesse trabalho está retratada a luta dos camponeses/as que vem de antepassados de uma negação de fechamento de escolas do campo e de acesso até os dias atuais, onde mostra a importância da luta camponesa dos trabalhadores/as, professores/as, pescadores/as artesanais e agricultores/as para permanecer no campo.

A pesquisa nasce do querer registrar a história da autora, que se vê de certa forma fazendo a análise de como a Lecampo transformou a sua vida pela oportunidade que teve de acessar e permanecer na Universidade. Através disso surge a indagação e até curiosidade em registrar o processo formativo da turma Guará mostrando a realidade do campo nas dimensões: deslocamento, formação, e

identidade, considerando que a região agrega imaginando que muitas realidades poderiam ser parecidas.

Os resultados da pesquisa realizada foram como esperados as dificuldades enfrentadas pelos educandos/as foram constatadas para buscar o conhecimento dentre eles deslocamento/locomoção, recursos financeiros, acesso à internet, conciliar trabalho com estudos, conciliar estudos com a família, emocional e físico, disponibilidade, e convivência com opiniões diversas.

Diante de todas os desafios apontadas pela Turma Guará o que se destacam foi sobre o deslocamento/locomoção, recursos financeiros, porque parte da Turma Guará reside no município de Guaraqueçaba em ilhas e comunidades considerada de difícil acesso pela distancia e condições de deslocamento.

Constatamos também que 91% dos educandos/as se identificaram com o curso desde o início por ser um curso novo não tinha o conhecimento e abrangência do curso Lecampo, ao percorrer a formação a turma foi amadurecendo em relação a identificação com o curso, na formação de identidade e na valorização da cultura.

Outro resultado constatado na Turma Guará de importante relevância para o curso de Licenciatura em Educação do Campo-ciências da natureza foi que 94% da turma afirmam que se o curso não fosse no modo alternância e itinerância não teriam condições de cursar no formato diário/semanal, e que no modo alternância os acadêmicos/as pudera conciliar com o trabalho, estudos e família.

As contradições que existiam desde o início do curso minimizaram, e foi através da pesquisa que podemos observar que houve avanço de conhecimento, reconhecimentos da identidade e amadurecimento da turma, análise crítica diante da realidade da e o reconhecimento da importância da auto-organização.

Esperamos que esta pesquisa sirva para dar ânimo aqueles que estão tocando esse curso, pois a pesquisa mostrou a importância que ele tem no litoral e região e também que os pontos levantados do que consideraram fragilidades possam ser considerados para as próximas turmas, afinal para isso serve uma pesquisa.

## 5 REFERÊNCIAS

CALDART, R. S. **Concepção de Educação do Campo: um guia de estudo.** I Seminário de formação continuada de professores das licenciaturas em Educação do Campo no Brasil. Minas gerais: UFMG, 2017.

GHEDINI, C. M. et al. **Educação do Campo no Estado do Paraná: um Registro de lutas, Conquistas e Desafios (1998-2012).** Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2016.

KOLLING, E.J.; CERIOLI, P.R. CALDART, R. S. **Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas.** Brasília, DF: articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. N°4.

MIGUEL, G. ARROYO. **Formação de professores do campo.** Dicionário da Educação do Campo. p.359.

MOLINA, M. C.; SÁ, L. M. **Licenciatura em Educação do Campo.** Dicionário da Educação do Campo. p. 466.

PARANÁ. **Secretaria de Estado da Educação.** Diretrizes Curriculares da Educação do Campo. 2. ed. Paraná: 2010.

**Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (nova proposta).** Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, 2015.

PPP. **Projeto Político Pedagógico.** Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral. Setembro, 2018.

SOUZA, M. A.; GERMINARI, G. D. **Educação do Campo: território, escolas, políticas e práticas educacionais.** Curitiba: ED.UFPR, 2017.

Instituto de terras, Cartografia e Geociências Terra e cidadania, Curitiba: ITCG, 2008.3 v.

[www.aproverde.com.br/p/quem-somos.html](http://www.aproverde.com.br/p/quem-somos.html). consultado em 05-02-2013 <ACESSO DIA 20/06/2019>23:00h

CALDART, R. S. et al. Dicionário da educação do campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948.